



3841 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

Rap e poesia: cidadanias insurgentes em Feira de Santana (Brasil) e Lisboa (Portugal)
Mirela Figueiredo Iriart - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Denise Helena Pereira Laranjeira - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

Rap e poesia: cidadanias insurgentes em Feira de Santana (Brasil) e Lisboa (Portugal)

A pesquisa enfoca os circuitos culturais juvenis em duas cidades (Lisboa, Portugal e Feira de Santana, Nordeste do Brasil). Apresentamos parcialmente o cenário e as sociabilidades aí engendradas, por meio de linguagens artísticas diversas, enquanto campo simbólico. Os princípios da *cartografia* e da *etnografia das margens* foram dispositivos no processo investigativo. As produções empíricas revelam o poder que vem das margens e o sentido político das intervenções artísticas na cidade.

Palavras chave: juventude; arte; cidadania

Rap e poesia: cidadanias insurgentes em Feira de Santana (Brasil) e Lisboa (Portugal)

Introdução

A comunicação discorre sobre duas experiências de pesquisa realizadas em Feira de Santana-Ba, Brasil e Lisboa, Portugal cujos objetivos foram: mapear grupos e coletivos culturais juvenis; analisar o papel da arte e/ou da poesia na inserção social dos jovens e propiciar a visibilidade dos agentes culturais em seus respectivos contextos. O campo simbólico e político que emerge da atividade artística, nos diferentes territórios constituíram o fio condutor comum às experiências.

Compreendemos as culturas juvenis, em suas diferentes linguagens, como formas privilegiadas de criação e produção de sentidos. Ao tratarmos da cultura no realinhamento de forças no campo social, como campo simbólico e na sua dimensão política, dialogaremos com: Canclini (1997); Augier (2015), Magnani (2005), Raposo (2012). Consideramos que as práticas culturais - incluindo-se aí as de consumo, produção e divulgação - oferecem sentidos de pertencimento e de ação no espaço público.

As culturas juvenis em sua pluralidade de estilo são potencialmente reveladoras das formas de negociação que os jovens realizam na construção de suas identidades, ao resistirem às categorias estruturadoras e incorporarem ideias e formas de pertencimento interculturais. Como observaram Jovchelovitch e Priego-Hernandez (2013) novos atores sociais, sobretudo jovens negros, podem fazer emergir formas de resistência e de regeneração em comunidades periféricas, por meio da arte. Dessa forma, potencializam um capital social ao reverterem relações de poder desiguais (centro-periferia), ampliando as fronteiras da cidade.

A arte como engendramento de si no espaço público

Inspiradas na cartografia social (KASTRUP, 2010) e na etnografia urbana (MAGNANI, 2005), as pesquisadoras consideram os circuitos culturais juvenis como formas de sociabilidade e de apropriação significativa da cultura pelos jovens. Adotamos dispositivos metodológicos que potencializaram uma dimensão política, comprometida com a visibilidade de atores sociais e suas discursividades, comprometendo-nos com o diálogo por meio de debates, oficinas e ensaios fotográficos. Buscamos uma observação 'de perto e de dentro', das práticas culturais e um entendimento dos valores e significações produzidas pelos sujeitos, em duas cidades com contornos sociais, culturais e populacionais singulares.

Os jovens da pesquisa em Feira de Santana, foram convidados, para grupos de diálogo, a partir do mapeamento - via questionário eletrônico- dos grupos culturais que atuavam na cidade. O papel da arte como forma de participação cultural juvenil na sua relação com a cidade, foi um dos focos debatidos. Quatro jovens, três do sexo masculino e uma do sexo feminino, entre 23 e 29 anos de idade - idades dos entrevistados à época da entrevista - foram selecionados, pela importância da sua atuação na cena cultural da cidade para realização de entrevistas em profundidade, desses, um foi escolhido para ser apresentado no escopo deste trabalho. Privilegiou-se questões relativas à sua inserção no campo artístico e as mudanças provocadas pela arte.

Na pesquisa em Lisboa houve a aproximação com o campo, por meio de observações e diários de campo, seguidos de registros, via ensaios fotográficos e gravações, culminando com o mapeamento de onze circuitos de poesia. A segunda etapa, consistiu na realização de 15 entrevistas com participantes de 5 circuitos. Foram entrevistados(as) no coletivo de poetas do Djidiu, 5 jovens de 25 a 37 anos (3 homens e 2 mulheres); no Terças de Poesia Clandestina: 6 jovens entre 20 e 31 anos, sendo 1 mulher e 5 homens e do Poetry Slam: 2 mulheres de 22 anos e 33 anos; dentre outros. A terceira etapa, relacionada ao tratamento das narrativas, teve implicação direta da pesquisadora na transcrição das entrevistas, compartilhadas com os sujeitos da pesquisa e posterior análise. Para essa exposição elegemos o circuito dos Poetas Negros.

Sobre os contextos

Feira de Santana, segundo município do Estado da Bahia, marcado por um intenso comércio e polo industrial, com investimento público concentrado prioritariamente nas culturas de massa. Observamos como a arte produzida na periferia da cidade por grafiteiros, *rappers*, *bi-*

boppers, etc.- grupos com forte relação às suas comunidades de origem, oferece novos percursos biográficos, contrastantes a trajetórias marginalizadas pela pobreza e exclusão social.

Lisboa marcada pela ocupação de imigrantes africanos e afrodescendentes vivendo em sua maioria uma situação de pobreza e discriminação, vem expor de um lado, o racismo institucional local, e de outro, a miríade de povos e culturas que portam costumes, religiosidade, culinária, saberes específicos às suas distintas origens (Cabo Verde, Angola, Guiné-Bissau, etc.). Nesse contexto observamos como os circuitos de poesia de Poetas Negros forjam espaços de 'enunciação' e de pertencimento. Os eventos de poesia, entendidos como espaços aglutinadores de criação e linguagem poética, atravessadas por afetos e subjetividades, exprimem sentidos de existência e resistência ao cotidiano (familiar, escolar, laboral e demais espaços públicos).

O Hip Hop em Feira de Santana: a poética das margens

A música em seus diferentes estilos (rap, rock, punk etc.) vem se constituindo como espaço aglutinador, onde os jovens realizam, através de suas performances, novas apropriações e significações da cultura e do espaço urbano, em um exercício de autonomia criativa, que amplia a capacidade de agenciamento juvenil, sobretudo quando podem acessar os meios de produção artística e de comunicação (CANCLINI, 1997).

Coletivos culturais como H2F, liderado pelo MC Léo ÊZ, jovem negro, rapper do grupo de Hip Hop Efeito Zumbi e morador do bairro Fraternidade, região industrial e periférica da cidade de Feira de Santana, buscam uma intervenção cultural na periferia, com compromisso social e político, como a denúncia da violência e do extermínio de jovens negros. A rua, é então reivindicada como espaço de criatividade e emancipação. Embora não transformem completamente a cidade, uma vez que presentes os condicionantes estruturais no plano social e político, intervenções dessa natureza podem provocar mudanças que vão se dando no cotidiano, onde as experiências de encontro e de comunicação acontecem.

Vale observar que a escassez de espaços culturais públicos nos bairros onde moram levam os jovens do circuito hip-hop a utilizarem lugares não convencionais para realização de eventos (bares, mercearias, praças), configurando espaços de sociabilidade por meio da arte.

Como evidenciado na trajetória de Léo EZ, o hip hop está presente em sua vida desde os 16 anos e funciona segundo ele, como uma "válvula de escape", com poderes de integração social em meio à violência. O contato com o Hip Hop pela primeira vez, foi quando escutou o CD "Sobrevivendo no inferno", dos Racionais Mc's, trazido por um amigo vindo de São Paulo. Sentiu que foi definitivo para ele ouvir este CD, pela grande identidade com a situação de vida dura, difícil. "Descobri que a música tinha a ver comigo".

A arte como educação, na sua dimensão ética, estética e política, seria um dos caminhos em sua opinião. O rap constitui assim um instrumento de denúncia, uma estratégia de inserção social. Nas letras do MC Leo EZ, como na maioria dos grupos de Hip Hop do país, estão presentes a realidade de quem mora no subúrbio e a consciência de uma condição social desigual. Além de levar a periferia para além dos seus muros, a comunidade de origem continua como principal referência:

(...) pra mim, (...) o reconhecimento tem que ser dentro de onde você está (...)? Dentro de onde você saiu mesmo, pra que hoje vocês estivessem aqui, eu tive toda uma história primeiramente aqui. Esse lugar (...) praticamente é a base de tudo, a base familiar.

Neste ponto refletimos sobre aquilo que Raposo (2012) diz acerca da cultura Hip-Hop ser um disparador de ações e de encontros, que fomenta o fluxo dos jovens além das fronteiras da periferia, possibilitando a sua circulação para outros territórios da cidade.

Seguindo a fala de Léo, observamos a sua preocupação com o seu lugar de origem, não como destino, mas como lugar de superação das desigualdades sociais e raciais. Nota a existência de uma cultura produtiva na periferia, mas lamenta a falta de oportunidades positivas:

Tem muita coisa boa na periferia, mas dos problemas que tem aqui, os principais causadores somos nós mesmos. Porque nós, infelizmente as pessoas se envolvem em guerra, sem motivo, e umas matam as outras. Principalmente jovens, se envolvem na criminalidade. E não porque o lugar é amaldiçoado ou porque as pessoas são más. É por falta de uma educação (...).

Nas narrativas desse jovem, percebe-se um desejo de articular seus projetos de vida, como artista urbano, com uma ação política, como mobilizador cultural, atuando também como formador, oferecendo oficinas na praça central do bairro onde reside.

Circuitos de Poesia em Lisboa

As oficinas de poesia do Djidiu (Herança do ouvido) ou Poetas Negros, como num círculo de cultura freireano, desenvolviam-se semanalmente a partir de temas previamente debatidos e em sintonia com as questões sociais e políticas prementes ao povo negro, como a educação, a família, as tradições, a violência, a nacionalidade, o racismo institucional, etc., com o objetivo de contribuir para a formação política e identitária, a partir da valorização da matriz cultural africana, invisível nos espaços escolares e demais espaços institucionalizados.

Djidiu acabou por ser uma coisa inédita, porque viu-se pela primeira vez um verdadeiro clube de poetas negros/as em Lisboa, onde debatíamos sobre a nossa realidade enquanto negros/as no mundo, passando depois à criação e posterior divulgação da matéria trabalhada, sem qualquer tipo de censura ou barreira que nos impedisse de pensar pelas nossas cabeças e falar através das nossas próprias bocas, com as palavras que nós mesmo escolhíamos. Um grupo de poetas negros e negras organizados/as (...) onde acabámos por atingir outro dos objetivos, a ocupação de diferentes espaços da sociedade (Carlos Graça, email em 20 jul.2017).

A culminância das oficinas acontecia com a divulgação da criação poética no último domingo do mês, num momento de partilha, em que poetas e público se expressavam, independentemente de gênero, idade, escolaridade, etc.. Os poetas negros percorriam distintos pontos geográficos da cidade, lugares com algum tipo de suporte de natureza material e simbólica, a exemplo de espaços associativos, culturais e bares, localizados na periferia de Lisboa ou em territórios mais centrais.

As falas abaixo correspondem a alguns dos excertos colhidos durante entrevistas realizadas respectivamente numa estação de trem e num bar (onde o jovem cabo-verdiano em passado recente trabalhava como garçom) situado nas imediações do metro Baixa Chiado.

A poesia traz, raízes traz histórias, identidades (...) acabei por descobrir que eu também poderia escrever, falar sobre minha história, meu percurso (...)de uma maneira que eu entenderia, e que outros teriam diferentes olhares e saber que não teria uma história única (...) um espaço de libertação do ser humano (...) a poesia tem a força de puxar o essencial do indivíduo, e levar a campos antes (...) não imaginados. (Patrícia, 25 anos)

A poesia (...) uma Pantalassa, um só Oceano...que abraça a todos. Que cria uma catarse universal (...) resgata histórias e memórias apagadas e faz viver em nós essas chamas, há muito apagadas (...) traz

muito disso...uma reconciliação com outra pessoa (...) A poesia em sentido vagabunda...tem que ser revolucionária...ser romântica...capacidade de chegar a todos os espaços (...) (Apolo de Carvalho, 26 anos)

Acompanhando Raposo (2012), em ambas experiências (Brasil-Portugal) há a ideia de uma "cidadania insurgente". A ocupação do espaço urbano enquanto direito ao "fazer a cidade" em seu sentido político, social e cultural (AUGIER, 2015). Os processos criativos seja na poesia, ou nas letras do rap, brotam de contingências históricas e sociais dadas em suas singularidades territoriais e identitárias (individual e social). Assim, tanto na cidade de Lisboa quanto na cidade de Feira de Santana, os/as jovens assemelham-se ao buscarem formas contestatórias pela arte, reagindo ao instituído em seu cotidiano e (re) elaborando suas vivências nas comunidades.

Considerações finais

Apesar da adversidade dos contextos de vida e profissão, os indivíduos resistem, criam e transgridem, (re) afirmando identidades múltiplas em processos dinâmicos de subjetivação. A arte revelou-se como recurso simbólico na construção de formas alternativas de lidar com os limites da realidade; uma linguagem emancipatória, na reconfiguração do espaço urbano e de suas margens, que ampliam a apropriação estética da cidade, assim como instrumento de educação de si e do outro.

Os limites estão postos, considerando a cultura hegemônica sob o neoliberalismo, as políticas públicas deficitárias, o desemprego, entre outros problemas cruciais, afetam sobretudo os/as jovens mais empobrecidos (juventude que tem cor, raça, gênero, orientação sexual, classe social, etc.). (TOMAZZI, 2013). Para além disso, as nossas produções empíricas nos territórios mencionados (Brasil e Portugal) expressam o poder que vem das margens e revelam o sentido político das linguagens artísticas, que podem provocar fissuras.

Referências:

AUGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer - cidade. O antropólogo, a margem e o centro. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000300483>. Acesso em: 24 mai 2018.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas híbridas, poderes oblíquos. In: **Culturas Híbridas- estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, p. 283-350. 1997.

JOVCHELOVITCH, Sandra; Priego-Hernandez, Jaqueline **Sociabilidades subterrâneas: identidade, cultura e resistência nas favelas do Rio de Janeiro**. Brasília: Unesco. 2013. 251p.

KASTRUP, Virgínia. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In: PASSOS, duardo, KASTRUP Virgínia e ESCÓSSIA, Lilianna da (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, Editora Sulina, p. 32-51. 2010.

MAGNANI, José Guilherme C. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, v. 17, n 2, p.173-205. 2005.

RAPOSO, Otávio. Coreografias de evasão: segregação e sociabilidade entre os jovens do break dance das favelas da Maré. **Etnográfica**, v. 16, n.2, p.315-338. 2012.

TOMMASI, Livia De. Culturas de periferia: entre o mercado, os dispositivos de gestão e o agir político. **Política & Sociedade** – Florianópolis, v. 12, n.23, p. 12-34. 2013.